

Poupança deve ser considerada como uma despesa regular

Os números provam que o nível de poupança das famílias é muito reduzido. As justificações são muitas e a falta de rotina é uma delas

ROSA SOARES
E PEDRO RIBEIRO

Hoje, Dia da Poupança, "mude a sua atitude perante o dinheiro". O desafio de criar uma rotina de poupança, "como se fosse uma despesa regular", é deixado pela coordenadora executiva do Observatório do Endividamento dos Consumidores. Catarina Frade propõe que as pessoas comecem, logo no início do mês, a retirar algum dinheiro para guardar como poupança. E que não esperem pelo final do mês para o fazer, porque os apelos do consumo podem reduzir o saldo a zero.

Catarina Frade está numa posição privilegiada para avaliar as vantagens das pequenas poupanças no orçamento das famílias. E para realçar a importância de criar rotinas, porque, como diz, as pessoas poupam mais do que têm consciência, basta ver o pagamento regular dos empréstimos à habitação. "Trata-se de uma poupança forçada", que é encarada exactamente como uma despesa do consumidor ou agregado familiar.

A existência de uma "almofada financeira", mesmo que pequena, pode fazer toda a diferença num momento de crise ou de ruptura. Catarina Frade destaca que, do ponto de vista psicológico, a reacção dos consumidores perante um momento de crise financeira é muito diferente. Nem que o montante amealhado não dê para cobrir totalmente as necessidades ou para sustentar a situação por muito tempo.

DANIEL ROCHA



Portugal continua a poupar menos que os restantes países da zona euro

Mesmo assim, a procura da solução para a situação é melhor ponderada, evitando o que acontece em muitos casos, em que a procura desesperada de soluções arrasta as famílias para situações muito mais graves, como sejam algumas soluções de crédito imediato, com taxas de juro muito elevadas, que acabam por conduzir a situações de descontrolo ou de falência total.

Nos últimos anos, a taxa de poupança em Portugal tem vindo a diminuir. A economia tem crescido muito pouco – e o consumo tem aumentado a taxas superiores às do crescimento do produto interno bruto (PIB). Como o rendimento disponível dos particulares não tem cres-

cido muito, a fâta devotada à poupança é menor.

Tradicionalmente os portugueses poupavam bastante; a partir dos anos 90, com a "explosão" do crédito à habitação, muito do rendimento que ia para a poupança passou a ir para a prestação mensal da casa. Desde 2002, a taxa de poupança dos portugueses tem caído sucessivamente. Segundo dados do Banco de Portugal, só em 2007 é que ela deverá voltar a subir outra vez – e mesmo aí de forma ligeira.

Porque é que os portugueses andam a poupar menos? Primeiro, porque o seu rendimento disponível, tal como a economia, tem crescido pouco. Depois, porque os particulares estão cada vez mais endividados – e, com a subida das taxas de juro no último ano, os seus encargos com a dívida subiram. Além disso, há que ter em conta as subidas de impostos no ano passado e este ano, a extinção de alguns benefícios fiscais, e o aumento acima da média europeia da inflação. Tudo isto contribuiu

para deixar menos dinheiro para a poupança.

As crianças e a poupança

A criação de uma rotina de poupança deve envolver toda a família. A responsável pelo Observatório do Endividamento dos Consumidores, que está integrado no Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia de Coimbra, deixa outro desafio, o das famílias partilharem com os filhos as despesas do agregado e, em simultâneo, incutir-lhes a ideia do uso sustentável do dinheiro. E isso faz-se, por exemplo, pelo hábito de comparação de preços ou de desmontar as promoções, mas também a de ajudar e acompanhar a gestão das mesadas.

Catarina Frade entende que as poupanças das famílias e as dos aforradores mais pequenos devem ser canalizadas para segmentos próprios – depósitos bancários, certificados de aforro, e outros produtos financeiros – porque o conceito de investimento funciona como um incentivo à poupança. ■

9%

Taxa bruta de poupança das famílias portuguesas em 2004, segundo o Eurostat. A média da zona é 14,7 por cento.

QUE RISCOS ESTÁ DISPOSTO A CORRER?

NENHUM: Então, mesmo que as suas poupanças sejam pequenas comece por não deixar o dinheiro em casa, porque isso acarreta perigos vários (roubo ou a simples tentação de o gastar), e porque não rende absolutamente nada. A solução pode passar pelos depósitos a prazo, uma forma simples e segura de guardar as poupanças. De acordo com a Deco/Proteste, a taxa média de um depósito de 5000 euros a 12 meses estará entre os 0,3 e os 3,2 por cento. Outra forma segura de aplicar poupanças: Certificados de Aforro. O seu rendimento começa por ser reduzido (a taxa actual é de 2,1 por cento líquidos) mas pode tornar-se mais atractivo a prazo

por causa do prémio de permanência (0,2 por cento a cada semestre somado à taxa de base) e que atinge 1,6 por cento no início do quinto ano.

MÉDIO: Se admite correr alguns riscos pode beneficiar de rendimentos mais elevados, mas é necessário ter cuidados. Desconfie das promessas de rendimentos miraculosos – têm associados risco elevado ou imobilização de capital prolongada. Inúmeras aplicações prometem rentabilidades altas, mas apenas no final da maturidade do produto, e podem não atingir o valor prometido. Apesar de tudo, há investimentos a longo prazo com

elevada segurança, como as aplicações em fundos que investem fundamentalmente em obrigações do tesouro.

ALTO RISCO: Os investimentos de rendimento elevado têm necessariamente um risco muito alto. Há imensos produtos financeiros (como acções ou produtos derivados) que podem garantir remunerações interessantes, mas que pode também traduzir-se em perdas parciais ou totais do capital investido. A canalização de pequenos investimentos para este fim não é aconselhável, dados os próprios custos de transacção e, das comissões de guarda de títulos. ■ R.S.